

# O Real e o Virtual na Contemporaneidade<sup>1</sup>

**Eliane Nogueira<sup>2</sup>**

Comecemos este debate pelo seu aspecto trágico: lembro de um rapaz que se suicida com a ajuda da internet, cujo analista pede em entrevista para um periódico nacional, que começemos a ter mais coragem de discutir o assunto.

Vejo com muita pertinência que nos debrucemos, cada dia mais, sobre a questão da internet na vida de nossos jovens e na influência de comportamentos sociais atuais.

Não imagino que o termo “virtual” se resuma ao assunto Internet. Podemos levá-lo a muitos desdobramentos, incluindo as relações das pessoas, falando mais ao telefone do que pessoalmente, por exemplo. A própria noção de virtualidade na vivência das drogas. E teríamos um sem número de exemplos e conceitos do termo. Se me esbaldasse nos referenciais psicanalíticos, especialmente sobre o real, imaginário e simbólico, certamente os aportes que colocaria hoje seriam diferentes. Mas o público que nos prestigia hoje é diversificado e cabe um respeito acerca de nosso *psicanaliquês*, que soa tão lindo aos nossos ouvidos, pois, mas às vezes é tão inexplicável e misterioso aos demais ouvintes.

A primeira idéia que me ocorreu ao pensar o tema virtual/real foi verificar pesquisas atuais sobre comportamentos de jovens na internet e os efeitos sociais e no psiquismo. Encontrei os trabalhos da paulista Ana Maria Nicolaci (USP), interessantíssimos. Como a internet se estabeleceu no Brasil apenas em 1995, temos poucos 13 anos de contato com este tipo de virtualidade nesta área. Mas já em 1996, Nicolaci, audaciosa, se pôs a

---

<sup>1</sup> Palestra apresentada na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

<sup>2</sup> Psicóloga, Psicanalista. Endereço para correspondência: [elianenogueira@terra.com.br](mailto:elianenogueira@terra.com.br)

pesquisar o que nomeou de “Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica”, que publicou em 2005. Ela comenta que houve duas revoluções importantes na história recente da civilização: a Revolução Industrial, que trouxe a mecanização do trabalho, acesso ao poder econômico pela competência e que mudou praticamente tudo nos relacionamentos de trabalho, sociais e familiares e a Revolução Tecnológica, que tende a fazer o mesmo.

Uma situação importante se refere à questão das liberdades individuais, que antes eram potencialmente contidas por fontes externas, onde não havia questionamentos das leis, nem das tradições e os patrões e pais eram soberanos sobre a vida de seus pupilos. As possibilidades de ter domínio sobre seu trabalho e conseqüentemente de seu dinheiro, além de poder fazer escolhas afetivas e de grupos sociais, abalou o sistema vigente de comportamentos até então estabelecidos. Mudam os conceitos internos de lei e mundo, e surge a aquisição de uma lei mais interna do que externa que a psicanálise chamou de superego. Liberam-se desejos até então contidos por um sistema organizado de contenção social. As pessoas, sedentas dessa nova ordem social, mudam para as grandes cidades e se criam as metrópoles, zonas urbanas onde acontecem as novidades e as liberdades e as idéias se espalham. Fervilha o desejo, uma espécie de nova aquisição social. Daí a surgir à necessidade de se acelerar as descobertas que gerem novas formas de satisfazer desejos e obviamente mais progresso e conseqüente conforto, é um passo rápido. Um pouco depois da metade do século, estava aberto o campo da pesquisa tecnológica, que nunca mais parou e vem mudando aceleradamente o perfil e o comportamento do homem moderno. Na verdade a Internet já é do que se consideram pós-moderno. Há uma mudança substancial na forma de comunicação, já a partir deste fim de século e já é possível expressar afetos, pensamentos,

através da escrita virtual. A virtualidade, pela escrita, no âmbito da internet, tende a partir de então a substituir o objeto-corpo. Há também uma nova possibilidade a respeito do conceito de si e de outro, pois o anonimato da rede permite a aquisição de identidades fakes. Falar em salas de chats, MSN e em Orkut cria uma nova maneira de se ver diante de outros que não se sabe quem é direito, nem exigem que se seja assim tão real, é agora possível ser aquilo que se fantasia. É possível também fantasiar o outro e ainda assim ter um “relacionamento”.

Percebe-se uma constante revisão do que se é e do que se quer, pois as novidades embolam o pensar organizado em relação ao recentemente adquirido, seja em bens de consumo ou em relacionamentos amorosos e sociais.

Como o avanço tecnológico é inexoravelmente uma conquista e traz um sem nº de vantagens à civilização, temos que avaliar com cuidado quando nos parece que as mudanças atingem demais a capacidade do sujeito conseguir se reorganizar nesta nova ordem social e cultural. Podemos ficar céticos e defasados. Em tese, o homem irá conseguir e tem sido assim na evolução dos tempos.

Mas ouvindo Minerbo (2008) recentemente, percebi que temos que também estar atentos para as patologias que advém deste tipo de relacionamento humano. Esta psicanalista paulista comenta que, em sua opinião, a virtualidade/real que se está vivendo cria, por vezes, o que ela chama de “deplexão”, diferente de depressão (onde ainda se conserva os afetos). Neste tipo de patologia, vê-se uma anemia psíquica, uma apatia, um sem vontade do mundo de esforços e afetos relacionais. Não haveria afeto que corresponda ao que se pensa, ele é virtual, criado, que vai revelando aos poucos o desamparo identificatório do sujeito. Nas patologias narcísicas ou do vazio, como se está chamando atualmente,

percebe-se uma tênue linha entre real e virtual, quase misturadas por inteiro pela fantasia de ter que manter aquele psiquismo funcionando. Encontramos isto em diversos grupo sociais:

- drogaditos
- comportamentos radicais
- compulsões de toda ordem (sexo, exercícios físicos, jogo, anorexia/bulimia, etc).

Criam-se formas de compensar as falhas de identidade e do desamparo do superego como fonte de referência, a partir da idéia de estar ligado na rede, que vai ditar novas formas de viver ou de morrer, como foi o caso do jovem que se suicida pela internet. O ego é externo e virtual, o real é estar nele como forma de existir, não há simbólico. Se falham as defesas do ego, se não tem superego para conter, percebe-se que o id (leiam-se pulsões, desejos) estampado na tela do Orkut, na pele pelas tatuagens e nas “marcas” pelo consumismo. É “real” ser de uma comunidade, ter tatuagens pelo corpo todo e uma marca famosa cobrindo o resto do corpo. Nada mais interessante para se assistir do que um reality-show.

O Orkut, site de relacionamentos virtuais, vira uma maquete, um mosaico, onde não podem haver vazios. É preciso vê-lo diariamente para ver se tem mensagens (screps), pois isto dará a noção de expansão social e valorização. Tende a criar uma projeção numérica de sucesso (x amigos; x acessos). A crítica é mal recebida e o jovem só quer saber de quem lhe ama e elogia. Alia a isto o uso de objetos de poder e está criada uma nova identidade.

Só que em vez de acharmos que isto pode ser ruim, podemos pensar o quanto terapêutico podem ser encaradas as ferramentas virtuais que um

instrumento como a internet fornece. Se um jovem não encontra formas de identificação em seu ambiente familiar, se lhe escapam as possibilidades de acesso a uma vida de aconchego e referências, pelo menos vai em busca de algo que lhe dê então outro acesso, nem que seja em ambiente criado por sua fantasia. Se pensarmos bem, é uma tentativa de criar uma realidade psíquica, de ter experiências, de imaginar que interage, que existe um outro que olha. O jovem aciona contatos que seu ambiente familiar não possui. O objeto virtual pode então ser usado psiquicamente como o objeto real, se não for dado o sentido concreto do uso. Neste sentido, o uso do virtual, a qualquer nível, pode possibilitar expressões de sentimentos e idéias que não podem se fazer presentes no cotidiano. O chamado som do vazio, mencionado por Marion, presentes nos I-pods, músicas da internet, usados com freqüência, indicam o som dos pais que são vazios e que não podem ser usados como objetos de acesso aos sons que emitem mensagens, leis, referências.. Não é incomum hoje em dia, por exemplo, pessoas ficarem conversando por “torpedo” em vez de usarem o celular para conversar. O que podemos por vezes deduzir, é que estas pessoas, se não tivessem esta possibilidade, não acionariam o outro, ficariam numa ausência queixosa, vazia. Se o sujeito não atuar, não materializar a fantasia virtual como um ato, ou não se perder na virtualidade da rede, teremos, enquanto profissionais da mente, novas possibilidades de acesso, desde não nos furtemos de colocá-la entre as novas formas de relação e especialmente, de linguagem.

Penso que o real, no sentido Freudiano de realidade psíquica, que é algo que criamos internamente a partir de nossas experiências e não mais o que realmente possa ser, e que é interno, contrasta hoje com a convivência do virtual, que é a criação de um contexto fantasioso e externo ao ego do sujeito. Um estaria dentro e outro fora. A pergunta seria? Como podemos

juntá-los, de forma que formem um conjunto harmonioso de uma nova configuração psíquica, como queria Nicolaci? Como, penso agora, aliar aquilo que já trazemos como fruto de nossas percepções, com algo que nem precisa ser percebido, porque pode ser virtualmente substituído, ao contrário de nossas marcas internas?

Quem hoje não fica “fuxicando” no Google, fala por e-mail, produz seu orkut, fala diariamente no MSN, celular, digita torpedos e ficam horas ouvindo seu I-POD? Quantos não se alienam em medicações (“tomo um rivotril e durmo”). Talvez, se somarmos tudo em horas, seja mais tempo do que estamos gastando para avaliar o que se está passando conosco.

Todas estas são questões para pensar. Sem querer concluir, elegi estes tópicos para nossa discussão. A adolescência nos deflagra ainda muitos outros vieses que poderiam ser trazidos para o debate. Como as questões da identidade: “quem sou eu”, interrogação que através do agir os jovens parecem estar cada vez mais ansiados a responder, a qualquer custo.

## REFERÊNCIAS

MINERBO, M. **A Fragilidade do Símbolo**: aspectos sociais e subjetivos. [Texto não publicado], 2008.